

PONTE DE LIMA (Queijada)

Queijada era uma freguesia do concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo. Após a reorganização administrativa de 2013, foi agregada a outra localidade passando a designar-se freguesia de Fornelos e Queijada. A igreja de São João Batista de Queijada dista cerca de 8,5 km da sede de concelho. Sair de Ponte de Lima pela avenida António Feijó em direção à estrada N203, seguir depois pela estrada N201 durante cerca de 6 km. Virar depois à direita e a seguir à esquerda. Virar novamente à direita e a igreja encontra-se cerca de 200 m à frente.

A implantação da igreja de São João Batista da Queijada é isolada, rodeada de campos de cultivo e arvoredo. A região da Queijada era atravessada pela estrada romana de Braga. No século XI, segundo o Censual do bispo D. Pedro, a localidade já existiria com o nome de *Portela de Caseata*. No século seguinte aparece como propriedade dos Hospitalários. Mais concretamente em 1224, São João da Queijada é couto da Ordem, juntamente com Boalhosa. Mais tarde, o couto entrou na comenda de Chavão, também da Ordem do Hospital.

Igreja de São João Batista

A IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA DE QUEIJADA aparece já referida no século XI. Na centúria seguinte é propriedade da Ordem dos Hospitalários, a quem se terá devido a edificação do templo românico.

Nas Inquirições de 1220 é referido que a igreja de São João de Queijada, no julgado de Penela, tinha várias searas na freguesia e a Ordem do Hospital tinha 18 casais. Segundo as Inquirições de 1258, Queijada pertencia ao



Perspetiva geral da igreja a partir de sudoeste



Alçado norte. Nave



Alçado sul. Pormenor da nave. Arco fechado

julgado de Penela e era couto da Ordem do Hospital *per padroes*. No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino (1320), a igreja de São João de Queijada, da Terra de Penela, é taxada na modesta quantia de 30 libras. Nas Memórias Paroquiais de 1758 é declarado que a igreja é dedicada a São João Batista e tinha três altares.

A pequena igreja da Queijada integrava, desde o século XII, um couto da Ordem do Hospital, mais tarde designada por Ordem de Malta. A memória da construção românica está bastante apagada, fruto das reformas barrocas a que foi sujeita, com particular incidência na sua fachada principal, na capela-mor e no interior do templo. A igreja segue a linha de outros templos românicos, com planta longitudinal de nave única e capela-mor retangular, ligeiramente mais estreita e baixa do que a nave. Esta última é ladeada por duas capelas laterais que, a par da torre sineira, são fruto da campanha setecentista. A construção granítica apresenta aparelho pseudo-isódomo com exceção da capela-mor e da capela lateral sul de feição mais regular. As coberturas são em telha, alternadas entre duas águas, na nave e capela-mor, e três águas, nas capelas laterais.

As cornijas laterais da nave contêm os poucos vestígios românicos visíveis atualmente, apoiadas por cachorros lisos, com volumes ora cúbicos, ora chanfrados. Na parede sul, onde se rasgou um janelão moderno, é possível verificar a pré-existência do portal lateral primitivo. Os elementos remanescentes indicam um portal com arquivolta quebrada sem decoração, assente diretamente na silharia.

O interior da igreja não revela qualquer indicador da fábrica românica, além da planimetria da nave e da capela-mor, ainda que essa tenha sido alterada com o acrescento dos volumes laterais norte e sul, que se acedem a partir da abside através de arcos de volta perfeita.

O espaço religioso encontra-se em bom estado de conservação, tendo se procedido recentemente ao restauro das pinturas murais setecentistas do arco triunfal e das telas que ornamentavam a capela-mor. Está afeta ao culto, é propriedade da Igreja Católica e, desde 1967, está classificada como Imóvel de Interesse Público.

Texto: JL/SVS - Fotos: MLB/SVS

Bibliografia

BOISSELLIER, S., 2012, p. 142; COSTA, A.J., 1997-2000, II, p. 152; COSTA, P.P., 2000, p. 152; CEPB, 1935-60, XXIII, pp. 857-858; MEM. PAROQ. 1758 (2005), pp. 361-362; PATRIMÓNIO CULTURAL; REIS, A.M., 2000, pp. 76 e 131; SIPA.